

ACM também irrita os manifestantes

CORREJO BRAZILIENSE

23 ABR 1996

Porto Seguro — A cerimônia de comemoração do aniversário de descobrimento do Brasil já começou tensa. Primeiro a discursar, o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) foi recebido aos gritos de “mentiroso, mentiroso”. Pouco antes, o político baiano dissera ao presidente Fernando Henrique que gostaria de vê-lo presidindo as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil no ano 2.000, sugerindo que ele, nesta data, estivesse reeleito para mais um mandato.

O presidente tentou pôr um ponto final na discussão agora da emenda que permitiria a sua reeleição e voltou a apelar para que os políticos apressassem as votações no Congresso das reformas constitucionais. “Faço aqui um apelo aos dirigentes dos partidos, aqueles que estão lá em Brasília,

que não está na hora de nos dividirmos”, disse, completando: “Não está na hora de precipitarmos temas desnecessários.”

Muito irritado, Antônio Carlos disse que “existe democracia na Bahia para que o povo diga sim ao presidente Fernando Henrique”. E prosseguiu: “Estamos aqui e deixamos que chegassem perto aqueles que querem perturbar a ordem”. Mas quanto mais falava, mais despertava gritos de protesto dos manifestantes. “Vamos fazer com que nossas vozes possam calar contra os poucos que reclamam de Vosso governo, injustamente”, afirmou Antônio Carlos.

ESQUELETOS

O presidente continuou assegurando: “Digam o que disserem, gritem o

que gritarem, porque é o meu povo, é o nosso povo”. E disse que o povo que o aplaude “são tantos e milhares”. As palavras do discurso do presidente eram seguidas de gritos “cara de pau, cara de pau” pelos manifestantes.

Após assegurar que “o governo está pondo para fora os esqueletos da podridão”, Fernando Henrique admitiu que ainda existem injustiças sociais no País, mas avisou que elas não são cobertas pelo governo.

“Hoje temos um grande país, capaz de enfrentar seus problemas, que sabe sim que tem chagas, que sabe sim que tem mazelas, mas sabe, também, que não é de um grito que se resolve nada”. Para ele, “é na negociação democrática, na justiça, no trabalho, que se há de fazer uma nação grande e democrática”.